

Suplemento Cultural

DISCURSO DE POSSE DE RUBENIO MARCELO

(como Membro Correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras)

Satisfaz-nos sumamente sermos recebidos nesta egrégia 'Casa Barão de Melgaço', em solenidade tão relevante, quando as nossas duas Academias estaduais irmãs realizam a primeira *Sessão Conjunta* da História.

O nosso mister acadêmico/literocultural tem-nos proporcionado algumas fortes emoções, em ocasiões marcantes acontecidas no Mato Grosso do Sul e em outras paragens. E chega-me agora esta inesquecível noite, em que a Academia Mato-Grossense de Letras me acolhe como *Membro Correspondente*. Assim, quero afirmar que serei sempre ciente da responsabilidade maior que a partir de hoje terei sobre os ombros: a de representar no MS – e em outras partes do país – a AML. E espero saber cumprir este honroso compromisso com a mesma dedicação que venho empreendendo há 13 anos como membro efetivo (e atualmente secretário-geral) da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Destarte, a minha fiel resposta à concessão deste título, que recebo com desvelo, é a renovação do meu compromisso permanente com a literatura e a cultura; a renovação do meu empenho, agora como elo legítimo desta *Casa de Dom Aquino Correa*, prometendo aprofundar os estudos da história e das letras mato-grossenses.

Nesta noite, esta quase centenária AML e a nossa quarentona ASL estão dando importante passo para o fortalecimento dos desígnios exigidos pelos tempos modernos, que nos impulsionam a sairmos do conservadorismo e, assim, estreitarmos os elos e o diálogo entre nossos pares. E aqui vale lembrar Graça Aranha, exceção moderna daqueles pioneiros, que assim asseverou acerca do espírito acadêmico: – "... A Academia deve se renovar, para não morrer!"

Hoje, ao participarmos desta histórica *Sessão Solene Conjunta*, deixamos aqui o calor da nossa 'morenidade' e assimilamos um pouco desta contagiante 'cuiabania', ao tempo em que fazemos valer uma das finalidades precípua da nossa entidade: a maior aproximação entre os representantes da cultura e outros segmentos.

As Academias de Letras – como sabemos – além de serem as legítimas guardiãs do vernáculo, preci-



MESA DE AUTORIDADES E BANCADA DE ACADÊMICOS DAS DUAS ACADEMIAS DE LETRAS ESTADUAIS – AML e ASL (EM CUIABÁ/MT). E AS BANDEIRAS DOS DOIS ESTADOS EM POSIÇÃO DE DESTAQUE

“

A solenidade timbrou tocante dosagem de civismo: as Bandeiras de MT e MS em lugar de destaque; e, na pauta do cerimonial, as execuções dos dois Hinos estaduais emocionaram os presentes”

sam ser aquecidas por energias vigorosas, pro-dutivas, engajadas a compromissos sociais e de vanguarda. Temos acompanhado as ações atuais desta Academia Mato-Grossense de Letras. E felizes estamos ao constatar nas suas atuais diretrizes os ditames de modernidade pulsando em ecléticas atividades, o que tem sido motivo de justos aplausos por parte de todos que seguem o dia-a-dia desta instituição, que, assim, denota que uma Academia de Letras não se coaduna com aquela "petrificação decorativa" já censurada também por Bilac.

Destarte, finalizando, quero deixar aqui patenteado – por meio de um poema de minha autoria – um justo tributo à AML, especialmente ao seu presidente acad. Eduardo Mahon (e a todos os membros desta Casa):

IMORTAL. PRELÚDIO PASSARINHO

Ah, quem disse que uma Academia é casa sisuda sem modernidade e sem alegria?

Quem disse que lá só entra Platão [sempre de plantão com fardo e fardão, sem plantel nem plateia]

– ah, de quem esta ideia!?...
... de que lá só respira aquele Xenocrates com a sua turma de bem antes de Cristo? Ah, quem falou isto!?

Quem disse que uma Academia é 'torre de marfim' marasmo, enfim, sem sal e sem sol...
Clube de formais com odor de formol, árdegos patronos, *nádegas de poltronas* na quinta bolorenta, 'pharmácia' para as 'lágrymas' de um inerte grêmio de quarenta, 'viveiro de águias' com charme esquentado em chá 're/quintado' e bolinho de aipim ou casa de aranha [sem graça] sem raça, sem som no jardim?

Ah, uma Academia é Casa de Letras [das mais belas letras] de rito imortal...
Entanto, também é-deve-ser vanguarda e trigo fecundo, compromisso do/com/o novo, morada do povo, renovo além-mundo...
Jamais contrapasso, vento sem moinhos, jamais mero passo que passa [sozinho], jamais descompassos

– mas sim passarinhos!...

RUBENIO MARCELO
(Cuiabá/MT, Casa Barão de Melgaço, sede da AML, 10/09/2015)

Engenho Velho

HÉLIO SEREJO

Engenho velho ringidor, puxado a boi e que lembra, nas rodilhas do grande laço do tempo, gemidos de negros escravos e estalos, impiedosos, de relho de feitor. Engenho velho que moeu cana, produziu garapa, fabricou melado e rapadura e matou muita gente de cansaço e fadiga. Engenho velho de bicas caídas, fornalhas em ruínas, paredes e teto cheios de picumã, coberto de zinco retorcido pelo vendaval do sul.

Engenho velho que é a imagem sinistra de um passado distante, quando campereava por ali o bruxo da maldade humana.

Teve vida e viveu anos sem conta, diuturnamente como morcego escoavante do sangue dos desgraçados. Foi cruz e foi sepulcro, ao mesmo tempo. Em sua moenda passaram os gritos estertorantes dos que tombaram já em vida, aos bategaços do duro velho assassino...

A água que vinha, canalizada, para os grandes recipientes carregou o turbilhão de lágrimas, de velhas mães desesperadas.

Cada esteio seu foi erguido com o sacrifício de uma vida.

E o picumã, ainda em seu esplendor, pôs no corpo disforme a mortalha de ódio.

E uma cruz formada pela chaminé e por um galho de árvore, como improviso celestial, projetou sua sombra longa, no chão lamacento do terreno.

Certo dia os elementos enraivecidos resolveram exterminá-lo. E três faixas reduziram-no a escombros. Logo veio a enxurrada da tormenta e devorou tudo por baixo.

Os seus esteios, mudos, ficaram apontando para o céu. E quando à tarde, para o pouso, os corvos vêm ali sentar-se, dizem todos se benzendo, que são as almas dos negros mortos de judiação transformados nessa ave de rapina que vem ver se o patrão também não morreu fulminado, no dia da catástrofe, em que desapareceram os últimos pretos, soterrados pelos escombros do Engenho...

O governador e a comenda

HERMANO DE MELO*

Em 12 de agosto último, como parte da programação alusiva aos 180 anos de instalação da Assembleia Legislativa de Mato Grosso e em sessão plenária especial realizada no Teatro do Cerrado Zulmira Canavarros, em Cuiabá, MT, foram concedidas comendas "Senador Filinto Müller" e "Memória do Legislativo", a autoridades políticas dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A comenda Senador Filinto Müller foi outorgada pelo presidente da Casa, deputado Guilherme Maluf (PSDB/MT) e pelo primeiro-secretário, deputado Ondanir Bortolini (PR), chanceler do Conselho da Ordem do Mérito Legislativo de Mato Grosso, ao governador de Mato Grosso, Pedro Taques (sem partido), ao governador de Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja (PSDB/MS) e ao presidente da Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, Junior Mochi (PMDB/MS).

Para o deputado Wancley Carvalho (PV/MT), coordenador dos eventos relativos aos 180 anos da Assembleia Legislativa do MT, a comenda Filinto Müller representa o título máximo concedido pelo legislativo mato-grossense a personalidades que trabalham em benefício do estado. "É um reconhecimento, um modo de homenagear autoridades, em momentos de grande relevância como esse", explicou.

Ao receber a comenda Filinto Müller, o governador Reinaldo Azambuja (PSDB/MS), que também foi deputado estadual e federal, disse: "Somos parecidos, sul-mato-grossenses e mato-grossenses; dividimos não apenas o Pantanal e o cerrado, mas também esta Casa divide, com a nossa Assembleia Legislativa, a história de homens que se doaram em prol do crescimento da nossa região".

O governador de Mato Grosso, Pedro Taques, fez questão de falar sobre a união entre os dois estados. "O Brasil Central é o caminho de todos nós. É hora de deixar a mágoa de lado e pensar no bem comum", declarou. E o presidente da Assembleia Legislativa do MS, Junior Mochi (PMDB/MS), destacou: "Aqui

temos um pouco da história dos dois parlamentos".

É provável, porém, que nem o presidente da Assembleia Legislativa do Mato Grosso, Guilherme Maluf (PSDB/MT), nem o deputado estadual Wancley Carvalho (PV/MT), que organizou o evento – nem os próprios homenageados – têm ideia da real dimensão e significado de receber uma comenda "Filinto Müller".

Filinto Strubing Müller nasceu em Cuiabá em 11 de julho de 1900 e morreu em acidente aéreo em Orly, na França, em julho de 1973. Foi eleito quatro vezes senador pelo Estado de Mato Grosso de 1947 a 1973 (daí, talvez, a origem da comenda com seu nome) e chegou a ser presidente do Senado em 1973 – daí também ter uma ala no Senado Federal com o seu nome (que os senadores tentam retirar até hoje!).

Mas Filinto Müller colaborou com as duas ditaduras que governaram o Brasil no século 20 e ficou conhecido por agir com mão de ferro. Atuou como chefe de polícia na ditadura Vargas (1930-1945) e como líder político, na sustentação ao regime dos generais (1964-1985). Ele foi presidente da Arena, partido de sustentação ao governo no período da ditadura militar de 64.

Durante a ditadura Vargas, ele se destacou como chefe da polícia política e foi acusado de promover prisões arbitrárias e tortura de prisioneiros. Ganhou repercussão internacional o caso da prisão da judia alemã Olga Benário, militante comunista e mulher de Luís Carlos Prestes, à época grávida quando foi deportada para a Alemanha, onde seria executada em Bernburg, em 1942.

Em seu livro "Falta alguém em Nuremberg", o repórter David Nasser traça o perfil dos subordinados escolhidos por Filinto para conduzir a sua política política, recrutados entre a escória do Exército, indivíduos cujo servilismo ao governo e brutalidade com os presos contribuíram, segundo ele, para as violações dos direitos humanos na época.

Diante dessa realidade histórica, talvez fosse o caso de sugerir ao governador do MS, Reinaldo Azambuja (PSDB) e ao presidente da Assembleia Legislativa, Júnior Mochi (PMDB), abdicarem de suas respectivas comendas ou pelo menos não as utilizarem em público enquanto durarem seus respectivos mandatos.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

RECÉM-ELEITA, A ESCRITORA ILEIDES MULLER TOMARÁ POSSE NA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS

– De acordo com o calendário estabelecido pela Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, será na próxima noite de 02/10 (sexta-feira), às 19h30min, no Auditório da OAB-MS (Av. Mato Grosso, 4700 - Campo Grande), a posse solene da nova acadêmica Ileides Muller (recentemente eleita para a Academia).

A nova imortal, que – conforme rito próprio da cerimônia acadêmica – será saudada na ocasião pelo acadêmico

Rubenio Marcelo, assumirá a Cadeira nº 40 da ASL, que possui como patrono Lima Figueiredo, e que teve como antecessor o saudoso escritor Lenine Póvoas. Na sessão magna, também será empossado um novo membro correspondente da ASL: o escritor (e membro da Academia Mato-Grossense de Letras) Eduardo Mahon.

Residente em Campo grande, poeta escritora e advogada, Ileides Muller já publicou 9 livros, sendo: 5 de poesia, 2 biografias, 1 de contos e crônicas (este em coautoria) e 1 infantil.

POESIAS

TU E EU

Tens o mito dos astros mais brilhantes,
Sou-te o negror das noites mais brumosas;
Tens o viço e o alvor das meigas rosas,
Sou-te a ponta de acúleos lancinantes.

Ponho a florir o amor, mas tu o tosas...
Se lego eternidades, dás-me instantes
De indiferenças ocas e humilhantes...
Te amo ao silêncio ou no clamor das prosas.

És-me a luz das galáxias mais remotas,
Sou o buraco negro em que não notas
As chamas infernais que a mim reportas.

Matas a vida e tanto me cativas...
Se me és a fonte de esperanças vivas,
Sou teu escravo de esperanças mortas!

GERALDO RAMON PEREIRA

SONET'ALITA

Flutua a deusa atleta em vô de sonho,
Num estro jogo de asas – pulso forte
Por sobre a rede que se rende ao corte
Da veloz bola e, enfim, placar risonho.

E na tabela, a bela arte traz sorte
Às quatro mãos num duelo real medonho,
Em que a hábil dupla unida reina incho,
Dando mais vida e glória ao nobre esporte.

É assim que a musa das praias do mundo,
Talita Antunes e Larissa, a parceira,
Dão ao Brasil orgulho assaz profundo...

E o voleibol de praia se engalana
Com a guaicuru morena pantaneira,
Talita, filha da minha Aquidauana.

JOSÉ PEDRO FRAZÃO